

Marinho da Costa Jumbéba

Como era o partido-alto na casa da sua avó?

Ah! O partido-alto na casa da minha avó era uma coisa linda! Era tocado por pandeiro, cavaquinho, violão, flauta, clarinete (conforme os instrumentos que tinha), tocado por Pixinguinha, João da Baiana, Donga, Alfredinho e outros mais, compreendeu? Mas era uma coisa linda, não tinha negócio de bumbo! Não existia negócio de bumbo naquele tempo! Era tocado somente por esses instrumentos e cantar era pouco. Era só tocado por esses instrumentos. E o pessoal, as senhoras, aí iam sambar. Tinha que saber sambar no pé, compreendeu? No rebolado! Era uma coisa... era o samba autêntico mesmo aquele samba, naquele tempo! Na casa de minha avó Ciata, compreendeu? Na Visconde Taúna, 117. Ali é que foi o verdadeiro samba autêntico!

E a Balança, hein? (Referência a um local de reunião de batuqueiros na antiga Praça Onze)

Ali na Balança era batucada. Ali na Praça Onze é que tinha as grandes batucadas, compreendeu? Ali onde tinha a Escola Benjamin Constant.

As mulheres faziam partido-alto?

Fazia! Ah! Era Mariquita, Sinhá Velha... Maria Adamastor era uma grande sambista, que fazia uns grandes sambas, compreendeu? A minha tia, por exemplo, a Mariquita, tocava muito pandeiro, compreendeu? Ela às vezes em casa, só brincando, fazia um grande partido-alto. Só com um pandeiro e os cantos. Mas tinha muita senhora que naquele tempo... por exemplo, a minha tia Pequena, por exemplo, era grande. Sinhá Velha, que era minha tia também. E tinha as moças, em casa, inclusive a minha irmã Lili. Tinha a afilhada da minha tia, a Cincinha; tinha a Ziza, que era filha da... era minha prima; e era essa gente toda, minha família era muito grande. Tinha Tio Macário que morreu agora com 99 anos. E o meu tio que tinha o apelido de "Caboclo" (João Paulo). Tudo isso era da minha família. A minha família era enorme. E depois é que foram morrendo, foram morrendo, foram morrendo e acabou o samba. Mas muita gente conheceu o samba na casa da minha avó Ciata. [...]

O seu nome todo, seu Marinho?

Marinho da Costa Jumbéba. Apelido de casa é "Zinho". Em casa meu apelido é "Zinho".

O senhor nasceu onde?

Eu nasci na Rua da Alfândega. Na Rua da Alfândega, 85.

Quem morava lá?

A minha avó. A minha avó Ciata é que morava lá. Mas minha mãe, as filhas dela todas ia ter criança ia pra casa dela. Mas eu morava no Morro do Pinto, na Rua Saldanha Marinho. [...] Tem uma diferença no ritmo, tem uma pequena diferença no ritmo. Até os cantos, também, é muito diferente, é tudo... tem uma diferença grande. Agora: hoje em dia, tanto faz tocar naquele ritmo como no ritmo mesmo do samba, eles botam tudo como samba, mas tinha uma diferença a batucada pro... na batucada não se samba, não, é só jogo de cena, na batucada é só jogo de cena até derrubar o parceiro. [...] Ah, o prato era o ritmo do samba! Todo samba tinha o prato, o principal do samba era o prato! Com uma faca.

Todos os instrumentos naquela época, quais eram?

Era prato, pandeiro, cavaquinho, violão, flauta e esse... clarinete. Isso era o... não, tinha outro! O principal mesmo era o... o samba ficava bonito mesmo era quando tinha... era pandeiro, dois, três pandeiros (pra quem soubesse tocar, não era todo mundo que tocava) e cavaquinho, violão e flauta. Ah, aí era lindo mesmo o samba! [...] E o verdadeiro partido-alto não era cantado, não: era só no ritmo mesmo do samba. [...] Começava o samba, durava dois, três dias – o mínimo que durava era três dias. E o pessoal ficava lá mesmo. Todo dia tinha escaldado e peixada e... inventava lá um negócio. E aí, muita das vezes..., a minha família era tão grande que muita das vezes eles tavam lá, um começava a cantar, minha tia Mariquita apanhava o pandeiro, outro também apanhava o pandeiro e era um samba! Daqui um bocadinho chamava Fulano de Tal, era outro samba. [...] "Sinhá Zilu vai lavar a roupa da minha sinhá/ Sinhá Zilu vai lavar a roupa da minha sinhá/ A roupa

um bandão assim/ Sabão pedacinho assim/ A roupa que vem de lá/ Vai lavar a roupa da minha sinhá, o/ Vai lavar a roupa da minha sinhá." Ainda tinha mais uns versozinhos que eu agora não me lembro. Mas isso eu não era nascido e já existia isso!

Quem lhe ensinou a sambar?

Quem me ensinou a sapatear?... Porque antigamente homem só tratava "sapatear" como de fato era sapatear mesmo. Quem me ensinou foi João da Baiana. João da Baiana foi quem me ensinou a sapatear.

Obs.: As três "conversas" aqui transcritas, ocorridas em maio e junho de 1974, foram registradas fora dos padrões científicos de entrevistas do gênero, para aproveitamento num documentário cinematográfico. A aparente desordem em que elas aparecem neste texto, bem como as constantes interrupções, são fruto de sua finalidade primeira. Entretanto, em face da importância de seu conteúdo, não hesitamos em incluí-las neste trabalho.

Zito da Vila (18/06/88)

Hoje é dia 18 de junho de 1988, e eu estou aqui com uma personagem do samba carioca – Zito da Vila. O nome todo, Zito?

Zito de Oliveira Tavares.

Nascido em...

19 de julho de 1927.

No Rio de Janeiro?

Rio de Janeiro.

Em que lugar?

Avenida 28 de Setembro, 280.

Seu pai e sua mãe?

Alfredo Mariano de Oliveira Tavares e Guilhermina Maria da Conceição.